

DECLARAÇÃO FINAL DO II ENCONTRO AMERICANO PELA HUMANIDADE CONTRA O NEOLIBERALISMO

E, finalmente, aconteceu o encontro para o qual tanto lutamos – encontro de sonhos, de experiências e de vontades. À cidade de Santa Maria de Belém acorreram lutadores de 24 países da América e da Europa para realizar, às margens do poderoso rio Amazonas, o II Encontro Americano pela Humanidade contra o Neoliberalismo.

Deste grande acontecimento participaram cerca de três mil companheiras e companheiros. Dos indígenas canadenses aos trabalhadores argentinos. Dos negros, índios e sem-terra brasileiros aos zapatistas mexicanos.

Foi um encontro amplo e diversificado. Diferenças e embates se expressaram, algumas vezes de forma aguda, assim como o esforço conjunto de compreensão mútua para que essas diferenças não fossem obscurecidas e todas contribuíssem na busca dos objetivos comuns que nos trouxeram a Belém. Esse próprio esforço, de buscar a unidade através do conflito e da diversidade, é uma conquista do encontro, embora reconheçamos que muito ainda temos, todos e todas, a aprender.

O II Encontro ocorreu em um momento em que a América treme de indignação e revolta. Nos ouvidos de todos e todas ecoaram os gritos das manifestações em Seattle, durante a reunião da Organização Mundial do Comércio. Lá, o caminho da união do povo para pôr fim ao império do capital demonstrou ser o mais acertado. Durante três dias militantes de diversos movimentos – sindical, indígena, das mulheres, dos negros, pela livre orientação sexual e muitos outros – combateram, lado a lado, a polícia e a guarda nacional norte-americana, protestando contra a existência da OMC, do Bird, do FMI e de outros instrumentos dos grandes capitalistas para promover a pobreza em escala mundial.

O II Encontro se realizou em um momento de extrema gravidade para o nosso continente. O imperialismo norte-americano – coração e braço armado do grande capital – ataca todos os povos da América. Além de manter o odioso bloqueio econômico contra um país soberano como Cuba, alarga seu raio de ação promovendo ações desestabilizadoras do processo político em marcha na Venezuela; alia-se ao governo mexicano

na agressão aos povos indígenas de Chiapas e a todo movimento popular e revolucionário do México; e, o que é mais grave, busca ampliar sua intervenção militar contra a rebelião popular na Colômbia. Para tanto, instala bases militares em países próximos e pressiona os governos do Brasil, da Argentina, do Peru e outros para embarcarem na aventura da invasão do território colombiano. A pretexto de combater o narcotráfico – um grande negócio bancado por ricos empresários – enviam contingentes cada vez mais numerosos de assessores militares que se dedicam a ações de contra-insurgência contra o povo em armas. Deter essa escalada agressiva é a tarefa mais urgente para os povos da América. Por isso, lutaremos lado a lado contra essas agressões. No mesmo sentido o II Encontro se posicionou pela autonomia territorial e autodeterminação econômica, social, política e cultural dos povos.

No II Encontro ouviram-se muitas vozes. A dos movimentos sindicais que buscam encontrar novos caminhos para enfrentar os danosos efeitos da exploração desenfreada provocada pela mundialização da economia e que lutam contra o desemprego e pela redução da jornada de trabalho. A dos jovens do continente, que no início da vida enfrentam o trabalho infantil, têm negados seus direitos à saúde e à educação, e, se sobrevivem, são obrigados a conviver com o fantasma do desemprego. A dos pequenos agricultores, esmagados pelos projetos que só beneficiam os latifundiários e por um sistema que nega o crédito e a assistência técnica, praticando juros extorsivos. A dos trabalhadores sem-terra que, com sua coragem e organização, lutam por um pedaço de chão para plantar e viver. Ouvimos o clamor dos indígenas em luta para recuperar suas terras ancestrais, defender a natureza e afirmar a sua cultura. Também ecoou forte o grito do povo negro, que jamais se rendeu e segue lutando contra as novas formas de escravidão. Da mesma forma, calou fundo, no coração dos delegados, a determinação dos movimentos das mulheres, homossexuais e portadores de necessidades especiais, que se batem bravamente para conquistar direitos iguais e dignidade. Por fim, no encontro realizado na capital da Amazônia não poderiam faltar as vozes dos povos da floresta. Elas estiveram presentes: seringueiros e ecologistas nos lembraram que é necessário exigir o fim do saque da natureza, em particular da região amazônica, combatendo todas as formas de biopirataria e de depredação do meio natural e lutando pela reforma agrária sob o controle dos trabalhadores. Da mesma forma, manifestamos nossa disposição de lutar contra todas as obras e projetos que destroem maciçamente o meio-ambiente. Todos nós sabemos: o capitalismo é um mal que atenta contra a existência do planeta.

Muitas foram as falas. O alvo era o mesmo: o neoliberalismo, novo nome do velho capitalismo que há séculos se converteu no garrote que asfixia a humanidade. Este

sistema que transforma o homem no lobo do homem pode usar várias roupagens democráticas, como a chamada “Terceira Via”, sem alterar seu conteúdo de exploração e opressão. Por isso o fim deste sistema é condição necessária para se construir um mundo em que a educação, a saúde e a habitação, por exemplo, sejam efetivamente direitos e não mercadorias, traficadas impunemente.

Em Belém resolvemos que o movimento dos Encontros deve continuar como um dos espaços de articulação da luta de resistência dos povos americanos. Por isso recebemos com o coração feliz o nobre oferecimento dos irmãos Anishnabaie canadenses para sediarem o III Encontro pela Humanidade Contra o Neoliberalismo. Sendo assim, em breve nos veremos, desta vez nas planícies do norte americano, recebidos por guerreiros e guerreiras que lutam por sua liberdade há mais de 500 anos.

Em Belém resolvemos que o movimento dos Encontros deve ser mais um instrumento de organização de nossa luta. Por isso conclamamos todos os Comitês Preparatórios para prosseguirem na luta, assumindo a grande tarefa que já se anuncia para o ano 2000: o engajamento no movimento “Brasil, 500 Anos de Resistência Indígena, Negra e Popular”. No próximo ano, que todos e todas se somem aos dois mil indígenas que se farão presentes em Porto Seguro para dizer às autoridades que a partir de agora, no Brasil, serão “Outros 500”. A importância desta luta não se resume ao Brasil. O II Encontro Americano pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo assumiu expressamente a herança dos cinco séculos da resistência indígena, negra e popular, assumindo a responsabilidade de resgatar e fortalecer o movimento continental indígena negro e popular, seu projeto histórico e sua estratégia unitária.

Em Belém, conclamamos a incorporação de todos e todas, das mais diversas formas, à luta pela libertação de Mumia Abu Jamal, militante dos Panteras Negras, que se encontra preso, doente e condenado à morte em julgamento forjado nos EUA.

Em Belém, também conclamamos que todos os países da América participem da “Marcha Mundial das Mulheres 2000 Contra a Pobreza e a Violência”. A emancipação do gênero humano só será fértil se a dignidade e a criatividade da mulher forem reconhecidas em todos os pequenos e grandes atos da vida cotidiana, nas esferas do privado e do público. A marcha evidenciará a opressão da mulher e a necessidade da construção de novas relações não hierarquizadas entre os gêneros.

Em Belém, nos posicionamos pela liberdade total de acesso à informação e às produções culturais de resistência por todos os meios possíveis. Para alcançar esse objetivo, propomos que se potencializem as redes de comunicação permanentes que permitam a articulação das lutas das organizações populares que se opõem à maré neoli-

beral, em defesa da humanidade, exercendo intensa vigilância pelo cumprimento dos direitos humanos.

Em Belém, resolvemos pôr em prática os princípios do internacionalismo e da unidade dos povos. Por isso decidimos nos unir aos diversos movimentos que questionam a dívida externa, apresentando a proposta da realização de um plebiscito sobre o pagamento dessa dívida. Este plebiscito terá que ser construído pelo esforço de milhões. É uma tarefa complexa, que exigirá o engajamento de muitos irmãos que aqui não estiveram presentes, mas já encaminham essa luta. Saímos de Belém em busca da incorporação de todas as organizações populares do continente para a construção de um rotundo NÃO a uma dívida ilegítima e criminosa.

Em Belém, resolvemos que nossa caminhada tem que continuar e não apenas no sentido figurado. Assim, posicionamo-nos favoravelmente à realização de uma grande “Marcha Americana” que, saindo simultaneamente do Canadá e do Brasil, percorrerá diversos países do continente, estimulando e incorporando diversas lutas e manifestações locais, agregando um número cada vez maior de companheiros e companheiras. O ponto de chegada e de encontro deve ser em Ciudad Juarez, na fronteira mexicano-estadunidense, onde está o odioso muro de metal, protegido por helicópteros, guardas e cães, separando simbolicamente a opulência dos ricos e a miséria dos pobres no nosso continente, incluindo os próprios EUA e o Canadá. Para que a história reencontre seu curso esse muro deve cair. Num ato com milhares de participantes de diversas nacionalidades celebraremos nossa unidade e deixaremos bem claro que o mundo precisa girar de outra maneira. Esse acontecimento de repercussão mundial significará um gigantesco passo na nossa luta. Uma jornada repleta de desafios vencidos pela luz de nossas bandeiras e dos nossos corações.

Para transformar tal sonho em realidade estaremos realizando, em março próximo, uma reunião preparatória na qual deveremos checar todos os informes e deliberar sobre os encaminhamentos necessários.

Em Belém, assumimos estes compromissos e estas tarefas. Para tanto, nos manteremos organizados de forma ampla, democrática, diversa, ampliando ao máximo o número de amigos e aliados.

Em Belém, entre os dias 6 e 11 de dezembro de 1999 levantou-se a tocha acendida em Chiapas, em 1996, durante o I Encontro Americano pela Humanidade contra o Neoliberalismo. Sua luz seguirá iluminando o continente.

*Belém do Pará, Amazônia Brasileira
11 de dezembro de 1999
164 Anos da Revolução Cabana*